

# A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St.ª Anna

Propriedade da Empreza do jornal "A PATRIA,"

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

## ASSIGNATURA

Em Ovar, semestre. . . . . 500 réis  
Avulso . . . . . 20 »  
Para fóra da villa, accresce o porte do corioze

## Composição e impressão — IMPRENSA CIVILISAÇÃO

de Viuva de Manoel F. Lemos  
RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219 — PORTO

Anuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis  
Permanentes e reclames a preços convencionaes.  
Comunicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 0/0 de abatimento.

## Morituri te salutant

O D. Ferrabraz do «Noticias de Lisboa», feito paladino da inextinguível symbiose —regimen e adeantamentos—, promete *esmagar* (sic) o povo, se elle não tiver a prudencia de Conrado a respeito das tranquibernas e latrocinios, que fôram o apanagio d'estes ultimos vinte annos de monarchia. Bem anda o monarchico jornal em querer aproveitar a força das metralhadoras para restabelecer o seu socego, varrendo essa cafila de maltrapilhos, que uiva de fome ao sentir os delicados e provocadores arômas dos seus festins de Balthazar. Os sujos! Já se não pôde n'esta boa terra portugueza digerir socegradamente e sem dissabor as *falias* da habilidade propria! Estar uma pessoa a gozar os fructos, que colheu á custa dos grandes esforços da sua intelligencia... e destreza manual, e diz a *canalha*, os filhos das hervas, perturba-a com protestos mal soantes, roucos, *avinhadados*, como se tivesse direito a erguer a vista da gleba ou do mester, como se tivesse carta de alforria para endireitar a espinha no aprumo da dignidade civica! Que vá fazer companhia a Ezequiel, comer o esterco dos bois!

Tem razão o «Noticias de Lisboa».

Calada a voz dos que protestam, inutilizado o povo e eliminado o partido republicano; saldadas em *fraterno convivio* as contas dos adeantamentos, reinará a paz em Varsovia e não haverá uma nota desharmonica. A tranquillidade e o bem-estar resurgirão para a *parceria*; o povo, reduzido ás condições de servo, poderá e deverá en-

gordar mais o orçamento, que d'este modo chegará para todos e por grande evitará as linguareiras disputas sobre a *parte do leão*. N'esta altura serão todos honrados pela razão simples de serem todos... *adeantados e adeantadores*. Tem razão, repetimos. A natureza creou e desenvolveu a *canalha* para escrava d'esses senhores de origem divina e grande mercê lhe fazem em a não atagantar com a pita do chicote para que produza mais, para que abundantemente proveja ao seu sybaritismo. A plebe deve agradecer-lhes muito reconhecida a vida amargurada, porque é *mercadoria*, de que pôdem *desfazer-se* a seu bel-prazer; a sua missão na terra é *averigar* ao peso do trabalho, *estorcer-se* nas atrocidades da fome e morrer contrahindo as commissuras labiaes em sorriso de agradecimento ao *seu senhor e bemfeitor*.

Crêmos ter traduzido fielmente todo o pensamento do *fidelissimo* jornal e achamos mesmo, que aquella seria a doutrina idealmente commoda, se não ouvíssemos ao longe, n'um rumor crescente, como de onda, que se avoluma e se aproxima da praia, a multidão, estimulada pela tyrannia por tanto tempo soffrida e encarnando a Justiça, a reclamar os seus direitos de *gente* e a transformar em *energia actual* o enorme potencial, que armazenava em *tensão*. N'esta hora solemne os sonhos da imaginação evocam-nos o festim de Balthazar e lembram-nos o *mané, tecel, pharés*, que tragicamente pôz termo á sardana-palesca orgia. A' mesa do orçamento banquetei-se o poder farta e descuidadamente. Cá fóra a multidão, apathizada pela gargalheira da Tyrannia e embrutecida pela cegueira da Ignorancia, assiste com apparente indifferença á bacchanal. E quando os vapores dos licôres excitam o cortex cerebral dos

convivas em descomposta alegria e incoherente ideação, a *alguem* nasce o appetite extravagante de mascar o unico bocado de pão negro, que resta ao Povo e de beber pelo calix da Crueldade o pouco sangue, que lhe circula nos vasos e ainda assim desfibrinado pelo excesso do trabalho e pela deficiencia de alimentos. E' n'este momento que a turba, para defender a essencia da Vida e a Patria, fragmento da alma, estoira a gargalheira n'um impeto de raiva e sóbe á sala de jantar; escorraça a Gula e a Luxuria e no seu logar implanta a Liberdade e a Justiça.

Depois d'isto vae á redacção do «Noticias de Lisboa» e n'um bello gesto de S. Francisco diz-lhe ironicamente: morituri te salutant.

Philodemo.

P. S.—Notamos mais uma vez, que os disparates ou as ideias cerebrinas encontram sempre *echo*, que os reproduza. O «Noticias de Lisboa» reflectiu-se em Ovar.

Ph.

## A OBRIGA

## VESPERAS

Neste logar, e no ultimo numero de «A Patria», escrevi eu que dos adeantamentos havia de sair, logicamente, —a Republica. De facto, a logicos serem os acontecimentos sociaes, a successão da monstruozissima ladroeira não pôde, não deve ser a impunidade, a glorificação dos ladrões. Ora a continuidade da monarchia, depois dos adeantamentos julgados, evidentemente não é outra cousa —senão glorificação, consagração, aprovação tacita —do roubo. Qual o paiz do mundo, qual o povo, que a si proprio, por suas proprias mãos e por sua mesma privada lingua, daria tal, tamanha, formidolosa prova do seu desca-ro, impudencia, inconsciencia e rematada loucura?

Qual a nação que sabendo-se a saque em dois continuados reinados e conhecendo, ainda que tarde e incompleta, a verdade, aos

criminozos, aos autores, em logar de os degradar pela expulsão ou pela cadeia os continuaria aceitando, respeitando, e conservando até no poder de que tal uso, de roubar e furtar fizeram?

Qual? Positivamente, irrefragavelmente; nenhuma. E, como essa nação, qualquer que fosse, não iria, apóz. suspender todo o viver colectivo de sociedade constituída, força havia de ser, por sem duvida. —o procurar, o constituir um governo. Sociedade moderna, divorciada da monarchia pela razão, e incompativel com ela pela sua posição de roubada, o que iria escolher no seu estado de sociedade burgueza, agricola, e apenas saindo para a intelligencia contemporanea do casulo de seculos de monarchismo e jezuitismo? O que iria escolher? Em nenhuma duvida, irrefragavelmente; —a Republica. Eis como a *logica*, num deslisar plano e facil indica, seja a quem for que desapassionadamente a consulte, as *consequencias*, o *fim* dos adeantamentos!... Em qualquer sociedade como a suissa, a franceza, a allemã, a ingleza, ou ainda a italiana; isto seria aforistico, cominatorio: posto de tal modo e em tanta simplicidade o problema, a solução era a matematicamente e unicamente possivel: castigo; transformação.

Em Portugal, e pondo de parte as profecias e os palpites é o que, para honra e para renovação da nacionalidade, forçosamente deve fazer-se. Se assim não fôr, e já o escrevi no mesmo precedente artigo, nós, portuguezes, deshonramo-nos de todo em todo, de vez e absolutamente. Mereceremos de todo o mundo o desprezativo escarneo, e sem dignidade, sem honestidade, perante a Europa, nós, ficaremos á mercê.

Vêr-se-ha então o caso unico do suicidio de um povo, pois que tolera a o dirjr, o representar, precisamente quem fez os adeantamentos, quem os recebeu, quem com eles aproveitou! Eis o que terá de ser, rigorosamente, o final da situação: ou, pela republica, a promessa á Europa de vida nova e a revelação de energias sãs e fecundas; ou, pela monarchia, a certeza da continuidade dos adeantamentos e o descredito, a degradação consequentes. Por ora, em Portugal, a compreensão d'este dilema terrivel não é ainda infelizmente, o caso quase jeral dos espiritos.

Apenas em Lisboa, no Porto e numa ou outra cidade, a população jenerosa e culta sinteticamente o compreendeu; com essa parte, embora a minoria do paz seja, é que devemos contar. Não são, em paizes de analfabetos, as maiores incultas, brutificadas, maion dá impulso ao facto social

determinativo de resoluções e renovações; são antes, são sim as minorias altruistas, pundonorozas, ativas; quem, pela dinamica do sacrificio, traz as inovações necessarias e as mudanças dignificantes. Para que o crime da *trampa dos antecipos* se não empole na lama da inanidade é forçoço, a essa minoria jenerosa, intervir decisivamente. Porque, aqui como em parte alguma, não é á espera, não é de pernas cruzadas que se alcança o futuro. E' preciso ir ao seu encontro, provocar, por uma intervenção corajosa, o revulsivo da salvação; têr audacia; —e ou viver, —ou morrer.

Antonio Valente.

## ECOS DA SEMANA

### Mais uma.

De Roma, telegramas para os diarios, falam em nova inciclica papal. Pio X, chefe da igreja catolica, dir jindo-se aos povos aconselha-os, paternalmente, a regressar á disciplina cristã. E' esse, remata a inciclica, o meio unico, o caminho de *verdad* contra os conflitos e odios da questão entre o capital e o proletariado ameaçante.

Regressar á disciplina e á pureza cristã!... Desde o concilio de Trento tornou-se a Igreja o mais centralista e o mais despotico poder da terra, fez-se catolica, renegou os principios e as tradições evangelicas, oprimiu, vexou, perseguia. A renascença e as descobertas da navegação deram-lhe o primeiro tiro de guerra, vieram depois a industria, a ciencia e o criticismo, arrancando-lhe hora a hora, dia a dia, o predomínio do mundo. Com a revolução franceza e com as novas aquisições do saber, novas ideias e novas relações se crearam ante a imutabilidade do dogma, que assim se tornou incompativel, inconciliavel, com o espirito contemporaneo; —e ninguém culto, já hoje se satisfaz com as abuzões da teologia. A regressão á primitividade cristã é, á propria Roma, absolutamente impossivel; mas que o não fosse, o comunismo cristão nenhuma sociedade moderna, sem atrofia, o poderá exercer. Ha é certo na moral cristã admiraveis preceitos que, aliaz, exatamente se encontram no budismo, em Láo Tseo, e no filosofismo grego; são principios de moral humana que o cristianismo apropriou. Esses servirão ao homem em qualquer estadio a que chegue, mas a unificação das consciencas já não é possivel pela religião, —origem actual de conflitos. A unanimidade dos espiritos,

no futuro, pertence á ciencia, ao auxilio mutuo;—*novos tempos, novos principios.*

### Os petizes.

Pela opinião da jeneralidade dos medicos, a infancia portugueza entrou em franco definhamento. Sem discrepancia, todos constatarem que a creança, em Lisboa, graças á falta de alimentação, de ar salubre, de exercicio, e pelas falhas dos progenitores, é deploravelmente fraca, doente e abandonada ao mais iniquo desleixo. Não é melhor nem mais bem cuidada nas provincias, e ahi temos nós, os que amam esta desgraçadissima terra, mais um motivo de desesperos.

Ah! os pequenitos, futuro das raças e inocentes de culpas, mereciam mais em cuidado, em vijilancia reconstituinte, em carinhos. Que perversidade e que crime não olhar por esses pequenos seres. Não alterar ao menos em atencção ás creanças a metodologia do rejeitorismo! ..

E' verdade que a filharada dos ricos nada tem que ver com estas agruras, e que a atencção e o dinheiro são para a lista civil, para as obras nos palacios, para a luz electrica das salas de jantar, para as cavalariças e para os guarda-roupas reaes.

Quem pagará tudo isto?

Quem dará contas de tamanha incuria, de tão horrorosa indiferença,—a este povo, se elle amanhã num impeto de dignidade vier exijil-as aos que o teem roubado e enfraquecido na bolsa e nas jerações,—nos seus filhos? ..

### O grisú.

E' a morte quase normal dos mineiros, e lá enterrou agora na Russia 215 seres. Sabendo-se que é a falta de ventilação nas galerias das minas o que, pela accumulacção da formena, orijna tantas das horrorozas catastrofes subterraneas, naturalmente, indicado estava o remedio para se não crearem compostos do explosivo terrivel a que se chama—o grisú. Mas como a função do capital é unicamente—produzir, o cazo das victimas é um accidente, um facto secundario, um não valor. D'ahi esse desprezo, peculiar nas empresas, pela vida do trabalhador a que é insensivel—o acionista.

### Dr. Bombarda.

Na Camara, e num discurso notavel, condenou este illustre psiquiatra do seu ponto de vista sabio e como homem de coração esse crime, que se diz— a Penitenciaria. Ah! ainda bem! .. Ainda bem que uma autoridade, no cazo, não desdenhou de o tratar com eloquencia e, com amarga verdade. Foi uma das horas boas, d'aquelle cazarão, habitaculo pela mór parte do tempo, de politiques e má-nhas anexas.

### Reclamo.

Dá-se: um presente de ovos de Aveiro, ou um casal de peruz, ao paleografo que para a nossa lingua traduza este mostrengo de proza, orijnal de um nosso colega, cujo nome, por piedade, calamos. Façam favor, leiam:

### «OS ACCACIOS»

Segreda-nos ao ouvido o nosso Accacio, correspondendo ao appello do Accacio da «Patria» a proposito da nossa marinha

de guerra que o que lhe parece é que um qualquer Accacio, que faz consistir á bemaventuranca de um paiz—monarchico ou republicano—na posse de uma formidavel esquadra, (olha a Suissa) nem sequer merece que se lhe escreva o nome com letra grande. E por isso Accacio amigo para apreciaries as bellezas do regimen republicano não te preocupes com as esquadras, lê o que fica dito ácerca de Venezuella.

Que te parece aquelle céo de delicias ó Accacio. .... Não é o progredior da republica?»

### O Comicio do Porto.

Com uma concorrência superior a 12:000 pessoas realizou-se no domingo ultimo, um grande comicio, no Porto. E' a resposta eloquente e expressa aos escassos fiéis 800 da monarchia—esses que ouzaram ir a Lisboa, arvorando-se a representacção da cidade, como se o Porto do 31 de janeiro, fosse um capacho, p'ra'hi, da realza progressista talassa rejeneradorra-nacionalista. Te temunha presencial, diz-nos que, como nunca, o Porto, afirmou altivamente nobremente a sua unanimidade de sentir, de querer, de ancian republicano. Doze mil bocas clamando aplausos e ovações á—Republica, é já um belo, um magnifico triumpho. D'aqui, a commissão municipal, enviou o seguinte telegrama: «A commissão municipal republicana de Ovar saúda os cidadãos reunidos e adere ás resoluções tomadas.—Fidalgo».

### O alarme.

As propostas da fazenda já provocaram em Londres, logo no dia em que telegraficamente o «Times» as estampou, immediata baixa nos fundos portuguezes. Que fará mais tarde, quando analizadas atentamente! .. Mas o melhor são os portadores do papel interno, são os contribuintes;—são as classes commercio e industria. Esses é que sentirão toda a carga. Que nada mais racional do que as famozas propostas: enganchamento dos adeantamentos...

### ARA

#### Ascensão e descensão

Eu já subi, d'um lado, a toda a altura,  
Da vida a minha escada silenciosa  
Uns degraus entre sonhos cor de rosa  
Mas do mais entre nuvens d'amargura.

Agora desço para a sepultura  
E n'uma descensão vertiginosa  
Entre sonhos de cor já duvidosa  
Perdendo a vista toda áquella altural.

Quando assentar o pé na tabua extrema  
E vclva atraz o amortecido olhar,  
Buscando a luz d'uma impressão suprema,

Ha-de a piedade a escada desdobrar  
E dos degraus fazer cantos d'um poema  
Do que viveu para sentir e amar.

Junho de 1889.

Alfredo Campos.

### Interesses municipaes

#### VI

*Aliquando bonus, dormitat Homerus.*

Veio-nos este conceito á memoria com a leitura do estirado (mais extenso que o nosso anterior artigo. Não foi decerto falta de original) editorial do *Jornal d'Ovar*.

Enganamo-nos redondamente, mas ninguem se admira da nossa ingenuidade, porque qualquer espirito, por mais clarividente que seja, a não ter opinião preconcebida, cahiria no mesmo logro. Apesar de se achar collocado em terreno escabroso, esperavamos da habilidade reconhecida do articulista do *Jornal d'Ovar*—que nem sequer usa pseudonimo—uma melhor defeza. Confessamos que, a continuar o mesmo processo de argumentação só nos restará desistir da polemica, porque todo o tempo, que gastarmos a mais, será esterilizado em pura perda de outros assumptos, para que não haja *parti pris*, como notamos n'este.

A ter-se produzido o que se produziu seria preferivel ter-se dito muito simplesmente: *queremos, porque queremos.*

D'esta vez, porém, ainda procuraremos convencer. Verificamos que o codigo administrativo por nós consultado é o que está em vigor, e a nossa interpretação dos artigos citados não pôde soffrer contestação, pois a sua redacção é tão clara, que julgamos desnecessario recorrer ao conselho dos *setenta*. Quanto a *influxo extranho*, teremos decerto de lhe pedir o auxilio muitas vezes, attento a nossa deficiencia mental, mas d'esta vez achamo-nos com forças perceptivas sufficientes para o dispensar. A afirmativa do conspicio articulista resulta, pois, gratuita, pedindo licença para lhe darmos o conselho amigo de que não emitta juizos, que não pôda provar nem fundamentar, que não vá a quem, menos bem intencionado que nós, attribuir isso a qualidades de mentiroso. Aqui exaremos, tambem, a nossa admiracção pela corajosa sem-cerimonia, com que se vem a publico afirmar que um *hospital* não é obra de *utilidade* para o municipio!!! Risum teneatis?! Suspendei a gargalhada, porque o precalço é natural, em quem teima em defender á sobreposse assumpto indefensavel. Queremos deixar sem reparo algumas inexactidões, que se attribuem ao nosso artigo, e que devem ser filhas de rapida e deficiente leitura ou da grande vontade, que tem o articulista de levar a agua ao seu moinho. Achamos divertida a obrigacção, que impende á camara de tratar *unicamente* (sic) as meretrizes. A ser verdade, seria immoral, que estas creaturas, a favor de quem de resto só nos movem sentimentos de compaixão, tivessem privilegios, que não se concedem aos *outros pobres*. Esta interpretação não pôde ser de *jurista* ou de quem conhece os regulamentos policiaes sobre o caso. E' absolutamente *falso* que as camaras tenham *obrigação* de installar correios e telegraphos, alojar forças militares, etc. N'uma coisa nos confessamos, porém, vencidos é quanto á repartição para *afereição de pesos e medidas*. Não nos tinha occorrido essa hypothese; as estações tutelares não commetteram a crueldade de deixar de approvar um projecto, cuja realisacção custa *seis contos* para a installação d'aquelle a repartição, que não, cabe, coitadinha!, nos Paços do Concelho e teria de viver exposta ás intemperies! Gostavamos tambem, de ver demonstrado o inaudito asserto de que o actual hospital pôde transformar-se em casa nosocomial *razoavel* para as necessidades do concelho e *nunca pôde dar umas cadeias soffríveis*.

Até á demonstração julgaremos a affirmacção um destempero de raciocinio. Mas isto são meros incidentes, que pouco importam. O que nós queremos é amarrar o nosso antagonista á essencia da questão e não o deixar fugir pela porta falsa do sophisma mais ou menos habilmente urdido. N'este intuito vamos regressar ao methodo socratico das primeiras letras e fazemol-o com verdadeira antipathia, porque o nosso espirito nunca se deu bem dentro de moldes restrictivos.

Se não recorreremos, porém, ao methodo de perguntar e responder, o nosso contendor divaga sobre o assumpto, fazendo verdadeiras correrias, capazes de abalar creditos de polemista habil, que estivessem menos firmados.

Assim recapitulando e rezumin-do perguntaremos:

1.º—E' ou não o hospital uma obra necessaria e util?

2.º—Está ou não a assistencia hospitalar do concelho a cargo da camara?

3.º—E' ou não esta *obrigada* a metter no orçamento uma certa quantia, pequena ou grande, para a sua dotação?

4.º—Na hypothese pouco provavel de ir para a classe das despesas facultativas a construcção hospitalar, é ou não mais justa e mais util esta construcção, do que a para correios e telegraphos, etc., a que a camara *não é obrigada*?

5.º—Pôde ou não pôde a camara usar o *mesmo estratagem* para obter a *mesma approvação*, que obteve para o projecto em arrematação?

6.º—E porque não ha-de obter por processos directos a approvação d'um projecto de hospital?

7.º—Seria, porventura, facto inedito?

8.º—Sendo as respostas ás perguntas antecedentes todas convergentes a demonstrar, que não tem razão de ser os embargos, que se adduzem, para a não construcção do edificio hospitalar, isto é, havendo toda a razão, legal e logica, para fazer hospital novo, quaes os motivos, porque se não pôde apropriar o actual edificio a cadeias?

9.º—Pois não é ou por outra não deve ser o movimento populacional das prisões *muito menor* que o do hospital?

10.º—Não tem o edificio de S. Pedro *ensanchas* para salas, cellulas, gabinetes, etc?

11.º—Não é a sua situação central, isolada e hygienica?

12.º—Não se realisa na nossa hypothese uma economia de alguns contos de réis?

13.º—Não se pretende fugir á inutil complicação da planta official, fazendo um edificio mais ligeiro, e não se poderá realizar com reparações e modificações tudo o que se vae fazer de novo?

Não se volte a dizer, que as cadeias são despeza *obrigatoria*, porque perante as estações tutelares não existe tal projecto, nem se insista em affirmar, que a camara é *obrigada* a fazer a installação dos correos e telegraphos, etc., porque tal procedimento pôde revelar o proposito de faltar á verdade. Nós fazemos á mentalidade e honorabilidade da camara a justiça de crer, que *nunca* gastaria cinco réis para aquelle fim, mas tambem o nosso contendor nos não ha-de rebaixar a comprehensão até querer convencer-nos d'um absurdo.

Apparece por ultimo o *papão*

do voto dos quarenta maiores contribuintes, que não é senão *consultivo*, e que não impede, que o processo siga os seus tramites. Com geito e boa vontade tudo se venceria. Não queremos terminar sem lastimar ter sacudido os nervos do illustre articulista com o *horror* d'um emprestimo. Vamos a ver se conseguimos a acalmacção.

Economisar não é poupar, mas gastar a tempo o preciso para provêr ao util e até ao agradável, evitando maior dispendio no futuro.

Ninguem, absolutamente ninguem, que tenha credito, deixa de contrahir um emprestimo para realizar um negocio vantajoso. O contrario seria deixar arruinar uma propriedade de contos de réis para não contrahir uma divida de algumas centenas de mil réis.—Deixar de fomentar o bem-estar dos municipes pelo *horror* á divida afigura-se nos mesquinhez de questão, quando de mais a mais a administração honesta dos redditos municipaes acautela com segurança contra o receio da impossibilidade fazer a amortisacção.

Fabio Cunctator.

P. S.—Alli a «Discussão» não quiz concordar com a nossa classificacção de crime dada ao procedimento da camara, mas vae-lhe chamando erro economico. Quem commette erros economicos, administra mal, e quem administra mal a fazenda publica, commette crimes de *lesa-povo*. E assim não é um tostão, mas são cinco vintens.

F. C.

### CHRONICA AGRICOLA

#### IX

### FORRAGENS — O GRAMÃO

A creação de gado é ainda um poderoso auxiliar do lavrador e um factor importante da sua economia.

Quantas vezes sobre elles os seus compromissos com a venda do gado e quando assim não succeda porque já são melhores as condições em que se encontra é ainda essa venda que vae augmentar o peculio junto.

A engorda de gado para talho, a creação do de trabalho ou ainda de rezes pequenas para revender depois d'adultas, a exploracção do gado de leite são outros tantos assumptos que ao lavrador merecem especial atencção e a que elle mais ou menos se dedica conforme a sua predilecção e calculos de lucros.

Seja, porém, qual fór essa predilecção, o que é indispensavel é antes de tudo cuidar da alimentação d'esses animaes e realisar a da fórma mais racional, hygienica e economica possivel.

Sendo numerosos os vegetaes que podem servir a essa alimentacção é todavia necessario conhecer o seu valor nutritivo, os seus inconvenientes pelas alterações que podem causar no organismo e ainda attender ao seu valor que pôde, por elevado, obstar ao seu aproveitamento.

Já n'uma chronica fallei do valor das leguminosas infelizmente ainda pouco vulgarizadas entre nós pelo menos algumas muito recommendaveis; já de todos são conhecidas as forragens vulgares, o milho, o azevem, a aveia em verde, as *hervas* d'inverno, como conhecida a necessidade de dar fenos ou palhas seccas, necessidade que além de muitas vezes provir da falta de *verde* é indispensavel ao bem estar e á hygiene dos animaes.

Tenciono fallar d'algumas que eu saiba ainda não experimentadas entre nós, e de que tenho colhido bellos resultados; mas hoje fallarei d'uma planta por todos conhecida como prejudicial e que muitas vezes suppoz servir apenas para arrelia do lavrador cuidadoso—o *gramão*. Extremamente vivaz, reproduz-se por qualquer bocicado que fique na terra entre nós imminente-mente propria para o seu desenvolvimento por ser solta, arenosa.

Pois o *gramão* que eu continuo a guer-

rear e a considerar uma planta prejudicial tem uma utilidade: é um magnifico alimento para o gado e sobretudo para os cavallos.

Assim tratados os cavallos, resistem melhor á fadiga e andam mais saudáveis.

O gramão depois d'arrancado, deve ser bem lavado para lhe tirar a terra que iria estragar os dentes do animal e provocar perturbações graves no tubo digestivo; depois de lavado, secca-se e póde até guardar-se devendo cortar-se meudo antes de o fornecer ao gado. Póde também trazer-se a seccar sem o lavar, e batel-o com o moal para lhe sacudir a terra; acho preferível por mais perfeita, a lavagem cuidadosa.

Não vae o meu entusiasmo por esta planta até ao ponto de aconselhar a sua cultura nem ella necessitaria de cuidados culturais; desejo apenas que em vez de se deitar fóra se aproveite, o que compensa em parte o trabalho de o tirar.

Se na occasião de o fornecer, elle tiver qualquer cheiro ou gosto extranho, póde regar-se com agua bem salgada, com sal commum, ou polvilhal-o com este porque sendo os animaes ávidos de sal como são comem bem qualquer alimento em que o presintam.

Já antigamente em Ovar foi utilizado para alimentação de gado, sendo até muito procurado na Marinha por lavradores de outros concelhos; e se, repito, não aconselho a que deixem as terras povoar-se outra vez com elle, não duvido aconselhar que o aproveitem pela forma que deixo indicado sempre que pela necessidade de sanear os seus campos para outras culturas, o arranquem na cava ou sacha d'esses campos.

\*\*\*

NOTICIARIO

Dia a Dia

Regressou da sua digressão por Braga e Bom Jesus o nosso dedicado correligionario e amigo Ernesto Zagallo de Lima.

Partiram para Lisboa na semana passada os constructores navaes nossos patricios Srs. João Gomes Silvestre e filhos, João d'Oliveira Gomes e Francisco e Antonio d'Oliveira Gomes.

Chegou ha dias do Pará o Sr. Domingos Pereira Tavares.

Partiu hontem para a capital o Sr. Dr. José Maria de Souza Azevedo.

Festividade

Promovida pela respectiva associação religiosa, no proximo domingo effectua-se na parochial d'esta villa, nova festividade dedicada ao Sagrado Coração de Jesus. Segundo o costume ha exposição do Sacramento e a cerimonia da primeira communhão e além d'isso missa solemne a grande instrumental e sermão, de manhã, e vespers, sermão e procissão de tarde.

As crianças, a quem é ministrada a primeira communhão, seguem procissionalmente da igreja de Santo Antonio em direcção á matriz, onde após a chegada terá principio a cerimonia.

Agora um simples reparo:

Como os leitores terão notado, ainda no ultimo numero d'este semanario noticiamos identica festa realisada na capella da Senhora da Graça no dia 26 de junho. Agora annuncia-se outra. Em vista d'esta rivalidade perguntamos: Qual dos dois Corações de Jesus é o authentic? E' o Novo ou o Velho?

Esperamos que quem superintende no assumpto elucidie o caso para se ficar sabendo a qual dos dois os fieis hão de prestar o seu culto.

Exames

Principiam hoje n'esta villa os exames do 1.º grau d'instrucção primaria, os quaes se effectuam nas diferentes escolas officiaes pa-

ra os alumnos das mesmas e na do Conde de Ferreira para os das escolas d'ensino livre.

Sacerdote... irado

Contam-nos que no penultimo domingo o Sr. Padre José Semião de Oliveira Gomes na missa de Santo Antonio, dando parte que fóra despedido de capellão d'aquella irmandade, em taes termos o fez que parecia incitar os seus ouvintes á revolta.

Extranhamos e a principio não quizeamos acreditar, mas obtivemos a certeza que assim aconteceu.

Com franqueza, um ministro do Candido Nazareno, d'esse admiravel e sublime Jesus, que tinha palavras de perdão para os seus algozes e exemplos inconfundiveis de caridade e amor, para todos, mostrar-se irado e cheio de rancor ante o corpo d'esse Deus, que ia consagrar na hostia que se reverencia, é coisa que depõe pouco a favor de um sacerdote.

E demais o Sr. Padre Semião não tem razão, por elle e só elle é que faltou ao contracto que fez com a actual meza gerente da irmandade, que o unico meio que tinha em se desaggravar era pô-lo, como pôz, na rua. Combou-se não dar á missa a communhão a ninguém; elle, não cumprindo, fello para mostrar o seu fervor catholico e, porque se desaggravaram, zangou-se.

Seguisse o exemplo do parcho da freguezia, que n'um dia que foi alli rezar missa se recusou, e com razão, a dar a communhão ás devotas, mandando-as commungar á igreja, que ninguém lhe daria este desgosto. Assim... aguentem-se.

Fallecimentos

Com avançada idade falleceu segunda feira, sepultando-se no dia immediato ao anoitecer, a Sr.ª Rosa Rodrigues da Graça, sogra do Sr. Manoel Antonio Lopes, regedor d'esta freguezia.

Tambem se finou no dia 5 em Chão de Maças o Sr. Antonio Pereira, cunhado e tio dos nossos estimados correligionarios Srs. Antonio Gaioso de Penha Garcia e Luiz Ferreira Neves.

A's familias enlutadas as nossas condolencias.

Succumbiu igualmente no dia 5 n'esta villa a madre superiora do Collegio dos Sagrados Corações de Jesus e Maria, dirigido pelas Dorotheia. O sahimento fanebre effectou-se na segunda-feira ás Ave-Marias, incorporando-se n'elle uma grande quantidade de meninas casadeiras chamadas irmãs de Maria, formando alas atraz do feretro.

Seria por não estarmos habituados a vêr isto, visto que n'estas paragens é o primeiro que se observa, mas este feminino cortejo deu-nos a ideia triste e lamentavel de quanto a nossa terra tem retrocedido desde que a seita aqui assentou arraes. A beatice e reacção quizeram mostrar as suas forças, servindo-se da inconsciencia d'aquellas meninas, pois só por inconsciencia é que a muitas se desculpa o desempenho do ridiculo papel.

E admiramos bastante que os paes se prestassem a consentir suas filhas servirem de instrumento dos Santos Varões.

Pelo visto vae dando resultado a ideia que presidiu ao estabelecimento do collegio.

Para vergonha d'esta terra!

«A Discussão»

Celebrou no domingo findo, mais um anno de publicidade, este semanario, orgão local do partido regenerador. As nossas felicitações, e que viva;—por muitos e proveitosos annos.

Variola

Teem-se dado varios casos de variola entre nós. Que nos conste até agora nada mais fizeram os Srs. administrador do concelho, presidente da camara e sub-delegado de saude que limitar a sua acção a ministrar vaccina ás poucas crianças que appareceram na administração. Pois torna-se urgente que as providencias tendentes a evitar a propagação da doença não se faça demorar.

Posse

Tomou posse no dia 4 do logar de recebedor effectivo d'este concelho o nosso amigo Antonio Valente Compadre, e por esse motivo mais uma vez endereçamos os nossos parabens ao novo funcionario.

Actos

Respectivamente no dia 3 e 6 fizeram acto na Universidade de Coimbra, obtendo approvação, os academicos nossos patricios Antonio Baptista Zagallo dos Santos (15.ª cadeira do 3.º anno de direito) e Anthero d'Oliveira Cardoso (9.ª cadeira do mesmo anno).

A ambos os nossos parabens.

Espectaculos

No proximo sabbado, domingo e segunda feira ha espectaculos no nosso theatro dados por uma companhia dramatica de Lisboa sob a direcção da distincta atriz Lucinda do Carmo. A companhia é desconhecida no nosso meio mas o nome da illustre directora é sobejá garantia de que hade corresponder aos seus reconhecidos meritos artisticos d'atriz afamada.

No sabbado sobe á scena o drama em verso em 3 actos *Inocencia* e a comedia em um acto *O Infanticida*.

No domingo a peça em 3 actos *De má raça*.

E na segunda feira a peça em 3 actos *A alegria da casa* e a comedia em verso em um acto *O Defunto*.

Os bilhetes estão á venda na Havaneza Ovarense.

Preços e horas do costume.

Jurados

Procedeu-se no dia 1 ao sorteo dos jurados que no 2.º semestre do anno corrente hão de servir no julgamento dos crimes communs, ficando a pauta constituida pelos seguintes cidadãos:

José Maria Pereira dos Santos, Ovar; Antonio Carmindo de Souza Lamy, Ovar; Manoel Rodrigues Aleixo, Ovar; Dr. Gonçalo Huet de Bacellar Sotomayor Pinto Guedes, Ovar; Manoel Gomes Laranjeira, Ovar; Manoel Pinto de Castro, Esmoriz; José Ferreira Malaquias, Ovar; Manoel Gomes da Silva Bonifacio, Ovar; Manoel Joaquim Rodrigues Baldai, Zagallo, Ovar; Antonio Pereira Carvalho, Ovar; José Rodrigues Figueiredo, Ovar; Manoel Fer-

nandes Teixeira, Ovar; Abilio José da Silva, Ovar; João Gomes Pacheco, Ovar; Antonio Duarte Pereira Sebe, Ovar; José Pinto Fernandes Romeira, Esmoriz; Antonio Pereira de Pinho Junior, Valleg; Antonio Ferreira da Costa, Esmoriz; Domingos Simões, Ovar; Antonio Bento da Silva Valente, Vallega; Joaquim Antão Pereira, Vallega; Antonio Andrade da Rocha, S. Vicente; Manoel Rodrigues da Graça, Ovar; José Maria de Pinho Valente, Ovar; Manoel da Silva Pereira e Pinho, Vallega; Joaquim da Silva de Mattos, Vallega; José Alves Correia, Ovar; Manoel Pinto Rodrigues, Esmoriz; Manoel Pinto Romeira, Esmoriz; Antonio Rodrigues Faneco, Ovar; José Alves Ferreira Ribeiro, Ovar; José Borges de Pinho, Vallega; Joaquim Valente d'Almeida, Ovar; Antonio da Silva Brandão Junior, Ovar; Antonio Francisco d'Almeida, Esmoriz; José Maria Rodrigues da Silva, Ovar.

Rifa

Pede-nos o sr. Candido Nunes Henriques da Silva, para noticiar que procedeu ha dias á rifa do seu gramophone, saindo este ao sr. P.ª José Semião d'Oliveira Gomes.

AS RIQUEZAS DA TERRA O FERRO

São tantas e tão importantes as applicações do ferro em todas as industrias, que é esse, sem duvida o metal de maior utilidade pratica. Para o provar bastará citar duas das suas mais conhecidas applicações: o caminho de ferro e a machina a vapor. Como alcançar as prodigiosas vantagens d'esta brilhante victoria do egenho humano, origem de milhares d'outras, o que seria a vida moderna se não fosse o concurso do ferro em todas as suas variadas transformações industriaes?

Seria como nos tempos primitivos a vida do homem servindo-se da tosca ferramenta talhada n'uma lasca de pedra, e improgreddind sem o concurso de rei dos productos mineraes, o homem nunca ascenderia a estadios de superioridade racional.

De ferro são: a enxada, a charrea com que lavramos a terra que nos dá o alimento, as armas com que conquistamos o direito de a explorar em nosso proveito, os colossos que nos transportam sobre os mares, a mola do relógio que nos conta a existencia, a agulha que nos cose a roupa, a pena com que escrevemos, emfim, nada podemos fazer sem este primordial agente da civilisação!

O consumo do ferro é uma guia segura do grau de adiantamento industrial de qualquer povo.

A sua utilização, durante um periodo de cinco mil annos, tem crescido gradual e progressivamente de anno para anno attingindo, no seculo findo, um consumo superior ao consumo total em todos os seculos anteriores.

A descoberta do ferro e a arte de o trabalhar remontam a uma grande antiguidade.

Nos livros de Moysés attribue-se essa descoberta a Tubal-Caim filho de Lamethe: os gregos attribuem-na a Cybelle, a Prometheu,

e aos Dactylos do Monte Ida na Phrygia. O egypcio já o empregavam na 4.ª dynastia dos Pharaós, e é de presumir que os Phenicios permutavam ferro por outros artigos nos portos do Mediterraneo: na *Odyssea* diz Homero. Ulysses cravou um espigão de ferro incandescente no olho do cyclope Polypheme ouvindo-se uma especie de silvo igual ao que produz um machado em braza, ao ser mergulhado na agua fria, quando se lhe quer dar força e riqueza.

Entre os metaes mais vulgares, contudo, foi um dos ultimos a ser aproveitado pelo homem pela difficuldade, talvez, de separar por meio dos processos rudimentares da epocha, o ferro dos corpos que o acompanham.

Nos processos primitivos de extracção collocava-se n'uma cova aberta na terra o minerio, encamado com lenha que se accendia activando a combustão com uma corrente d'ar.

O carvão de madeira tomava o oxygenio do minerio deixando o ferro, que, facilmente se separa das outras materias e das escorias. Para que a fundição se effectuasse com bom resultado, era condição essencial que a escoria fosse muito fusivel; ainda assim, porem, a operação estava sujeita a muitas outras contingencias. Mais tarde aperfeioou-se o processo collocando o ferro e a lenha em cavidades mais baixas, dirigindo sobre ellas por meio de folles uma forte corrente de ar, que elevava consideravelmente a temperatura da combustão.

Foi esta a origem do methodo chamado Catalão, que ainda hoje se emprega.

As minas de ferro mais importantes em Portugal, são; na serra de Monges em Evora, em Moncorvo, no districto do Porto e em Leiria.

Um trabalhador.

INDICAÇÕES UTEIS

COMMERCIO

PREÇOS DOS GENEROS

No nosso mercado

ARROZ

Setubal, 1.ª qual., 15 kilos	1\$500 réis
2.ª qual., 15 kilos	1\$400 >
Rajado, 1.ª qual., 15 kilos	1\$450 >
2.ª qual., 15 kilos	1\$350 >
3.ª qual., 15 kilos	1\$250 >

Azeite, 1.ª qual., 26 litros	7\$600 >
2.ª qual., 26 litros	7\$000 >
3.ª qual., 26 litros	6\$800 >

Alcool puro, 26 litros	7\$300 >
Aguardente de vinho, 26 litros	4\$200 >
» bagaceira, 26 litros	3\$500 >
» de figo, 26 litros	2\$400 >

Batatas, 15 kilos	360 >
Centeio, 20 litros	800 >
Fava, 20 litros	730 >
Farinha de milho, 20 litros	740 >

Feijão vermelho, 20 litros	1\$200 >
» branco, 20 litros	1\$200 >
» mistura, 20 litros	1\$000 >

Geropiga fina, 26 litros	2\$400 >
» baixa, 26 litros	1\$800 >

Milho branco, 20 litros	710 >
» amarello, 20 litros	660 >

Vinho tinto, 26 litros	1\$000 >
» branco, 26 litros	1\$100 >
» verde, 26 litros	1\$200 >

Vinagre tinto, 26 litros	750 >
» branco, 26 litros	900 >

CORREIO

VALLES

Por determinação do governo, passou a ser de 30 dias, depois da respectiva emissão, o prazo para o recebimento de valles de correio nas recebedorias dos concelhos, ficando d'esta forma restringido a metade o antigo prazo de 60 dias.

## ARMAZEM DE LANIFICIOS E FAZENDAS BRANCAS

DE

### ALVES CERQUEIRA

PRACA — OVAR

N'este estabelecimento vendem-se todos os artigos de lanificios e de fazendas brancas por preços momodos.

Grande sortido de toalhas de Guimarães, lençoes de banho, guardasoes e chapeus.

Agencia das importantes Companhias de Seguros — Probidade e Indemnizadora — e do Banco Commercial de Lisboa.

## GRANDE DEPOSITO DE AZEITE

DE

### JOSÉ RODRIGUES FIGUEIREDO

NA

RUA DAS FIGUEIRAS — OVAR

Tem sempre, para revenda, azeites das mais finas qualidades e de magnifico paladar, do Douro, Beira Alta, Beira Baixa e Elvas, que vende a preços relativamente baratos.

## MERCEARIA VALENTE

PRAÇA — OVAR

Além d'outros artigos de mercearia, encontra-se á venda n'este estabelecimento toda a qualidade de vinhos do Porto e Madeira, manteigas recebidas directamente das melhores fabricas de Cambra.

Variado sortido de ferragens, tintas e vernizes.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Ernesto Zagalo de Lima  
PHARMACEUTICO

Rua da Praça — OVAR

Domingos da Fonseca Soares  
COM

ARMAZEM D'ARROZ

NA

Rua de S. Bartholomeu — OVAR

Salvador & Irmão

RUA DA GRAÇA — OVAR

VENDEM

Arroz nacional de todas as qualidades, milho nacional e estrangeiro e mais cereaes de produção nacional.

A PREÇOS BARAT

MANUEL DA SILVA

BONIFACIO & C.<sup>a</sup>

COM

DEPOSITO

DE

Arroz nacional, cereaes e legumes seccos.

Rua de Santo Antonio — OVAR

CASA CERVEIRA

FURADOURO

Hotel—Café e Bilhar

Bons commodos, bom tratamento a preços modicos.

Aberto de 1 de Julho a

20 de Novembro.

## HORARIO DOS COMBOYOS

DO PORTO A OVAR E AVEIRO

DESDE 15 DE MAIO

Comboyos	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Tr.									
						Tr.	Exp.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Cor.		
MANHA	S. Bento	5,19	6,35	7	8,50	9,39	TARDE	1,55	2,45	3,33	5	5,15	6,26	8,45
	Espinho	6,20	7,30	8	9,28	10,48		2,55	3,40	4,31	5,39	6,22	7,26	9,46
	Esmoriz	6,36	7,38	8,16	—	11,2		3,11	—	4,46	—	6,38	7,42	9,53
	Cortegaça	6,42	—	8,22	—	11,7		3,17	—	4,52	—	6,44	7,48	—
	Carvalhara	6,48	—	8,28	—	11,11		3,23	—	4,59	—	6,50	7,54	—
	OVAR	6,58	7,52	8,38	—	11,22		3,33	3,59	5,9	—	7	8,5	10,13
	Vallega	—	7,57	—	—	11,29		—	—	—	—	—	8,11	—
	Avanca	—	8,2	—	—	11,35		—	—	—	—	—	8,18	—
	Aveiro	—	8,36	—	10,6	12,16		—	—	—	6,14	—	8,58	10,55

DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

Comboyos	Tr.	Cor.	Tr.	Tr.	Tr.										
						Rap.	Tr.	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Om.			
MANHA	Aveiro	3,54	5,45	—	—	11	TARDE	2,5	—	—	5,34	—	9,55	10,23	
	Avanca	4,37	—	—	—	11,39		—	—	—	6,9	—	—	—	
	Vallega	4,43	—	—	—	11,43		—	—	—	6,14	—	—	—	
	OVAR	4,51	6,23	7,20	10,10	11,54		—	4,15	5,35	6,23	7,25	—	11,4	
	Carvalhara	5,2	—	7,31	10,21	12,4		—	4,26	5,46	—	7,36	—	—	
	Cortegaça	5,7	—	7,36	10,26	12,8		—	4,31	5,51	—	7,41	—	—	
	Esmoriz	5,13	6,37	7,42	10,33	12,13		—	4,37	5,57	6,38	7,47	—	11,18	
	Espinho	5,30	6,46	7,59	10,51	12,30		—	2,39	4,54	6,14	6,51	8,4	10,34	11,28
	S. Bento	6,24	7,47	9,2	11,54	1,47		—	3,18	5,58	7,15	8,1	9,3	11,16	12,26

## CASA CERVEIRA

PRAÇA — OVAR

Mercearia, miudezas, vinhos finos e bebidas de todas as qualidades.

Grande deposito de esteios de lousa, para vinha e vedações.

Tanques de lousa para agua, bancas de lousa para cozinha, por preços inferiores aos do Porto, por contracto com uma importante fabrica de Vallongo.

Grande sortimento de livros escolares e litteratura, encarregando-se de mandar vir com toda a rapidez, toda e qualquer obra, nacional ou estrangeira, sem augmento de preço.

Agencia de todas as casas editoras, tomando assignatura de qualquer obra.

## TANOARIA

ARMAZENS DE VINHOS

OVAR—Rua das Figueiras

Carrelhas & Filho, Successor

Vinhos maduros, verdes (tintos e brancos) e finos.

Alcool. aguardente de vinho e bagaceira, geropigas finas e baixas.

Vinagres tinto e branco.

Na sua conhecida TANOARIA, faz toneis, pipas, meias pipas, barris de quinto, decimo e tudo o mais concernente á mesma, garantindo a solidéz e perfeição dos seus trabalhos.

Tudo a preços convidativos.

## RELOJOARIA

Serve magnificamente em seriedade de transações e em perfeição de trabalho a de Augusto da Cunha Farraia.

Ovar — Rua da Praça

Vinhos tintos, brancos e geropigas

Directamente recobidos das propriedades do Ill.<sup>mo</sup> Sr. Manoel Valente de Almeida, vendem-se a retalho no estabelecimento de Augusto da Cunha Farraia.

## Companhia de Seguros "Portugal,"

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Capital Rs. 1.600:000\$000

Emitido 320:000\$000

EFFECTUA

SEGUROS TERRESTRES

contra

Fogo, incluindo o proveniente de raio ou explosão de gaz, sobre moveis, propriedades e estabelecimentos em todo o reino

E

SEGUROS MARITIMOS

contra

Avaria grossa e particular

Séde em Lisboa

Agente no Porto: José Ribeiro Borges

EM OVAR: Dá informações sobre esta importante Companhia Fernando Arthur Pereira, na tanoaria Carrelhas—Rua das Figueiras.